

Convite para apresentação de
Trabalho de Conclusão de Residência em
Saúde Mental Coletiva:

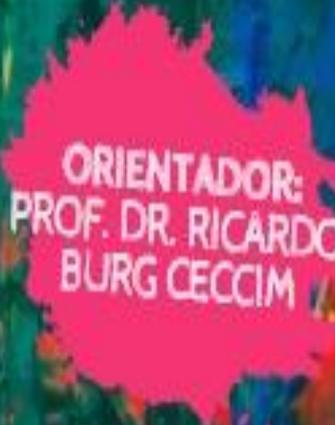
 UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL


LOUCURA LIVE

QUEM É LOUCO QUE SE APRESENTE,
AQUI A LOUCURA É AO VIVO 

EDUARDA MARIA CAMPELO XIMENDES


ORIENTADOR:
PROF. DR. RICARDO
BURG CECCIM

BANCA EXAMINADORA:

PROF^ª Dd^ª DANIELA FERRUGEM
PROF^ª DR^ª DANIELE NOAL GAI

DATA: 30/03/2021
HORÁRIO: 17H

 O LINK SERÁ DISPONIBILIZADO NO DIA 

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE RESIDÊNCIA INTEGRADA MULTIPROFISSIONAL EM SAÚDE
ÁREA PROFISSIONAL DE SAÚDE MENTAL COLETIVA

EDUARDA MARIA CAMPELO XIMENDES

*QUEM É **LOUCO** QUE SE APRESENTE, AQUI A **LOUCURA** É AO **VIVO***

Porto Alegre, 2021
COVID-19

EDUARDA MARIA CAMPELO XIMENDES

QUEM É LOUCO QUE SE APRESENTE, AQUI A LOUCURA É AO VIVO

Trabalho de conclusão de residência apresentado ao Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde, Área Profissional de Saúde Mental Coletiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Saúde Mental Coletiva.

Orientador: **Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim**

Porto Alegre, 2021
COVID-19

CIP - Catalogação na Publicação

Campelo Ximendes, Eduarda Maria

Quem é louco que se apresente, aqui a loucura é ao vivo. / Eduarda Maria Campelo Ximendes. -- 2021.

53 f.

Orientador: Ricardo Burg Ceccim.

Trabalho de conclusão de curso (Especialização) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Psicologia, Residência em Saúde Mental Coletiva ,
Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Educação na saúde. 2. Residência em saúde. 3.
Arte e saúde. 4. Saúde Mental Coletiva. 5. Atenção
Psicossocial. I. Burg Ceccim, Ricardo, orient. II.
Titulo.

EDUARDA MARIA CAMPELO XIMENDES

QUEM É LOUCO QUE SE APRESENTE, AQUI A LOUCURA É AO VIVO

Trabalho de conclusão de residência apresentado ao Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde, Área profissional de Saúde Mental Coletiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Saúde Mental Coletiva.

Orientador: **Prof. Dr. Ricardo Burg Ceccim**

Aprovado em 30 / 03 / 2021.

Banca Examinadora:

Profa. Dda. Daniela Ferrugem

Tutora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Daniele Noal-Gai

Professora, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Trabalho dedicado a todos os usuários, trabalhadores, residentes, artistas e todas as pessoas que apoiaram a *Loucura Live* de forma muito generosa, acreditando junto na perspectiva de prover encontros artísticos como produtores de vida, em tempos pandêmicos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço ao Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, espaço constituído por muitas histórias de lutas e afetos, por pessoas engajadas em manter esse programa de residência tão potente e revolucionário. Desejo vida longa ao programa.

Agradeço à equipe do “Loucura Live”: Marlon (mais conhecido como trovador gaudério), Paulo Junior, Darcy, Cristina, Patrícia, Kássia, Katia, Vaudo, Rafael e Lauren por estarmos juntos nessa embarcação, por construirmos encontros potentes.

Agradeço aos usuários e trabalhadores dos campos de prática nos quais eu passei, que me possibilitaram explorar caminhos e experiências de forma tão ética, acolhedora e generosa.

Agradeço ao meu amigo Alexandre Copês e à minha amiga Lisiane Dornelles, que me acompanharam e contribuíram muito na realização deste trabalho, compartilhando experiências tão afetivas e inspiradoras.

Agradeço à minha família, por todo apoio, mimos e oportunidades em desfrutar da melhor forma minhas andanças.

Agradeço às amigas que nasceram durante o percurso da residência e que, espero, sigam para a vida. Destaco, aqui, o grupo “fritalhada”: Joice, Moisés, Lauren, Janaína, Andressa, Thiago e Rafa. Gratidão por toda força e inspiração. Juntos, nós somos mais incríveis ainda.

Agradeço à tutora Daniela Ferrugem, por todo seu carinho, disposição e acolhimento. Assistente social admirável que me inspirou e inspira nos processos de ressignificação do meu núcleo profissional.

Ao Professor Ricardo Burg Ceccim, agradeço por topar em participar desse processo de escrita. Seu carinho, espontaneidade e paciência foram fundamentais para eu redescobrir novas formas de descrever os processos de experiências da vida e de aprendizagens. Grata por me ajudar a arrancar os cercados.

À Professora Daniele Noal-Gai, por aceitar compor minha banca de avaliação, por sua disposição e pela inspiração ao ler a sua tese de doutoramento em educação.

Por que você pediu uma canção para cantar?
Como a cigarra arrebenta de tanta luz
E enche de som o ar...

Por que a formiga é a melhor amiga da cigarra?
Raízes da mesma fábula que ela arranha
Tece e espalha no ar...

Por que ainda é inverno em nosso coração?
Essa canção é para cantar
Como a cigarra acende o verão
E ilumina o ar.

(Milton Nascimento/Ronaldo B. Ribeiro)

RESUMO

Este trabalho é resultado de um percurso de dois anos no Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Contempla fundamentalmente uma experiência inovadora e singular, surgida em meio a pandemia de Covid-19, vivida no ano de 2020, exigindo da população afastamento social protetivo. Em meio ao “isolamento”, surge a proposta de uma interação com a cultura por meio das artes visuais, da música e da dança, o que gerou o prolongamento de nossos corpos pelas redes virtuais e a produção de um novo afeto protetor. Não o afastamento, mas a conexão artística. O trabalho segue uma narrativa diarista (narrativa na primeira pessoa) e documental (memória e história), que considera uma experiência vivida (relato de experiência). O trabalho, nesse sentido, documenta um componente de formação em ato, como se espera das residências em saúde, e um aprendizado do “sentir-com” e da “criação coletiva”, desde uma imposição imanente gerada nos corpos e afetos dos residentes. Verifica-se, por fim, que o trabalho socioassistencial, a atenção psicossocial e a intervenção artística traçam laços de vizinhança e intercessão, mostrando a importância de uma residência integrada e multiprofissional na formação para a promoção do cuidado em saúde mental e a procedência de um currículo que se faz em ato, junto ao caminhar das realidades vivas e demandantes.

Palavras-chave: Educação na saúde. Residência em saúde. Arte e saúde. Saúde Mental Coletiva. Atenção Psicossocial.

ABSTRACT

This work is the outcome of a two years journey undergoing the Federal University of Rio Grande do Sul' residence program in collective mental health. It reflects an innovative and unique experience, lived during the Covid-19 pandemic, in 2020, that has required the whole world population to take preventive social distancing measures. The proposal of culture interaction based on visual art, music and dance, emerged during the peak of 2020's social distancing period, allowing the creation of an extension of our physical bodies through virtual networks, producing new protective affection through the artistic connection. The work follows a daily documentation through a diary that registered the lived experiences. It documents a fieldwork component expected in health specialization studies, a knowledge of "feeling-with" and "collective creation" imposed through the imanence generated in residents' bodies and feelings. Finally, this study draws intersections between social care work, psychosocial care and artistic mediation, highlighting the importance of an integrated and multi-professional experience based on an educational residency programme, which contributes to foster and raise an action based mental health care practice and curriculum.

Key words: Education in health. Healthcare residency. Health and art. Collective mental health. Psychosocial attention.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
PRELÚDIO	13
ASPECTOS METODOLÓGICOS E ÉTICOS	17
A SUBJETIVAÇÃO “RESIDENTE DE SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA”	20
OS CAMINHOS DO SARAU, DESBRAVANDO OS CONTATOS QUENTES	23
AGENCIANDO O AFETO, A ARTE E O BRINCAR	35
CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	40
ANEXOS	43
ANEXO A – IMAGENS DOS SARAUS	43
ANEXO B – CARTA	52

APRESENTAÇÃO

A presente monografia corresponde ao Trabalho de Conclusão de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde – TCR, área profissional da Saúde Mental Coletiva, cursada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, no período de 05/03/2019 a 1º/03/2021. A Residência Integrada Multiprofissional em Saúde corresponde à modalidade de formação que coloca profissionais recém-graduados das diversas categorias profissionais que integram o campo sanitário em contato com os serviços de atenção e cuidado, ao mesmo tempo que oferece um percurso formativo especializado em determinada área profissional. Trata-se do que se convencionou chamar formação pós-graduada *lato sensu*, realizada em serviço, sob supervisão docente-assistencial (BRASIL, 2005). No presente caso, a área profissional é a da Saúde Mental Coletiva, correspondente à linha de cuidado em saúde mental e rede integrada em atenção psicossocial – RAPS. A Saúde Mental Coletiva é a área especializada do conhecimento que diz respeito à organização da RAPS e às ações intersetoriais que protegem a saúde mental, promovem a reabilitação psicossocial e proporcionam intervenção nas culturas urbanas e institucionais para o acolhimento ativo das diversidades humanas, além do atendimento ao sofrimento psíquico e transtorno mental em estratégias multiprofissionais e interdisciplinares, coerentes com a luta antimanicomial (CECCIM; CARVALHO-DA-SILVA, PALOMBINI; FAGUNDES, 2010).

O mote principal do presente trabalho é a experiência e vivência estabelecida pelo transcurso da pandemia de Covid-19 no ano de 2020 ante a formação de profissionais para a área da saúde na modalidade de residência multiprofissional e às novas circunstâncias aos serviços da RAPS para o acompanhamento de seus usuários. A partir de fevereiro de 2020, o Ministério da Saúde decretou no país a Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional – ESPIN, devida à introdução de uma nova doença por coronavírus, a Covid-19, resultante da contaminação pelo vírus Sars-CoV-2 (BRASIL, 2020). Uma Declaração de Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional tinha sido emitida pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em 30 de janeiro de 2020 (OPAS/OMS Brasil, 2020). A Lei nº 13.979, de 06 de fevereiro de 2020, estabeleceu medidas para o enfrentamento da Emergência em Saúde Pública de Importância Internacional decorrente da nova doença por coronavírus, a Covid-19 (contaminação pelo vírus Sars-CoV-2, novo Coronavírus),

visando à proteção da coletividade. Entre elas, surge, em especial, o isolamento social (separação de pessoas doentes ou contaminadas, de maneira a evitar a contaminação ou a propagação do coronavírus), a quarentena (restrição de atividades ou separação de pessoas suspeitas de contaminação das pessoas que não estivessem doentes, de maneira a evitar a possível contaminação ou a propagação do coronavírus) e a interrupção de todas as atividades que indicassem aglomeração de pessoas, permanência de pessoas em ambientes onde pudesse haver circulação do coronavírus e aquelas não comprovadamente essenciais (conforme a Lei Federal nº 13.979/2020).

Dentre todas as mudanças, muda também nosso modo de fazer e viver a formação em serviço por meio das residências. As aulas já não poderiam mais ser presenciais. Estar em campo já não significava circular fisicamente pela cidade. O distanciamento e o isolamento se impuseram sobre nós e mudou nosso modo de formação. O “trabalho vivo em ato” (MERHY, FRANCO, 2008), tão precioso para uma formação em residência, exigiu invenção para se atualizar. O trabalho vivo em ato precisou acontecer por novas formas de comunicação, pela virtualidade das redes sociais, pela radicalidade das relações e pela aposta na arte como forma de expressão.

Merhy e Franco afirmam que a produção em saúde se realiza, sobretudo, por meio do trabalho vivo em ato:

[...] isto é, o trabalho humano no exato momento em que é executado e que determina a produção do cuidado. [Contudo,] o trabalho vivo interage todo o tempo com instrumentos, normas, máquinas, formando [...] um processo de trabalho no qual interação diversos tipos de tecnologias. Estas formas de [interação] configuram um certo sentido no modo de produzir o cuidado. Vale ressaltar que todo trabalho é mediado por tecnologias e[, dependendo] da forma como elas se comportam no processo de trabalho, pode-se ter processos mais criativos, centrados nas relações, ou processos mais presos à lógica dos instrumentos duros (como as máquinas). (MERHY; FRANCO, 2008, p. 430).

O presente trabalho apresentará um percurso dessa interação, a presença do trabalho vivo em ato e da arte como tecnologia, a partir de narrativas agenciadas pela experiência de formação de uma residente em saúde mental. Experiência, esta, imbricada pelos múltiplos efeitos que um processo de pandemia deflagrou.

PRELÚDIO

22/05/2020 – Tempos sombrios. Começo a escrita nesse dia. Sinto falta do cheiro das pessoas, do abraço, de chegar no meio da multidão e desejar um belo “bom dia”, de oferecer um chimarrão, de fazer junção, de gargalhar com o moço da padaria. Sinto falta de correr para pegar o ônibus, sinto falta de escutar histórias das pessoas, de pular poça d’água e caminhar admirando as árvores. Sinto falta de tanta coisa do mundo lá fora. E aqui dentro? Do que sinto falta, aqui dentro?

Dias atrás, dei-me conta de que eu não chegava mais na sacada da minha casa, que fica localizada com a frente para a rua. Esse lugar passou a ficar fora da minha organização na quarentena, o meu mundo passou a ser, então, quarto, banheiro, sala e cozinha. Faz dois meses e uma semana que estamos em isolamento. Me chamo Eduarda, sou residente em saúde mental e vou compartilhar um pouco da imanência de mim, aqui no 301.

Após duas semanas, coloquei como foco todos os dias pensar algo diferente, criar algo diferente, me experimentar distante dos meus hobbies e práticas cotidianas. Optei por começar com receitas de comida. Ao acessar o Google, fui informada, pela pesquisa, de que a receita de pão foi a mais pesquisada pelos navegadores. Os dias foram se passando e já não estava mais achando prazeroso ficar fazendo cardápios, pois envolvia um conjunto de tarefas domésticas que já estavam ficando cansativas e a busca da sensação de experimentação estava passando para obrigação doméstica. Passei à sensação de viver muitas informações e estar longe do sentido de experiência que procurava, uma experiência mais próxima do que diz Larrosa:

[...] a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça. Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (LARROSA, 2002, p. 21).

Dessa maneira, me ponho a pensar como conseguir alcançar o/a desejado/a aprendizado/experiência, ao buscar esse programa da residência. Tal como nos acena Larrosa (2002), a experiência requer abertura no escutar, olhar, sentir e pensar, demorar-se nos detalhes, suspender o juízo, falar sobre o que nos acontece e aprender com a lentidão. A lentidão que a pandemia coloca em nosso tempo ao submeter-nos ao isolamento social e ao confinamento dentro de casa que protege

nossos corpos da exposição ao vírus, mas não nos protege do sofrimento corporal e psíquico, que tal situação carrega. O sofrimento e o adoecimento psíquico proliferam ante a fragilidade das redes afetivas que podem ser mantidas ou estabelecidas durante esse período de isolamento e/ou distanciamento.

A Fundação Osvaldo Cruz (Fiocruz), sob coordenação de Débora Noal e Fernanda Damásio, publicou uma série de materiais informativos e de orientações à população em geral, trabalhadores e gestores sobre aspectos importantes de uma pandemia. Dentre eles, um alerta para o risco do surgimento e/ou do agravamento do sofrimento psíquico, decorrentes do isolamento, do medo de morrer, de perder pessoas queridas, dentre outros. Na cartilha intitulada “A quarentena na Covid-19: orientações e estratégias de cuidado”, encontramos o seguinte alerta:

As medidas de isolamento social, embora baseadas em evidências científicas e essenciais para a proteção da saúde da população, podem impactar a saúde mental daqueles que as experienciam. Nesse sentido, é importante avaliar as possíveis consequências psicológicas dessas medidas e propor estratégias de promoção da saúde mental e de atenção psicossocial a curto, médio e longo prazo. Tais consequências psicológicas podem ser potencializadas pelas repercussões psíquicas que a própria pandemia já produz, bem como suavizadas de acordo com as medidas de contingência e enfrentamento utilizadas. (NOAL; DAMÁSIO, 2020, p. 2).

Pensar sobre as consequências psicológicas ocasionadas pelo isolamento / distanciamento foi como fomos fazendo o caminho de *estar-entre*, *pensar-junto* e *sentir-com* os efeitos do distanciamento físico. Foi o plano de surgimento de uma proposta que pudéssemos aproximar o contato afetivo entre as pessoas, no sentido de proporcionar um espaço de encontro acolhedor. Queríamos utilizar o afeto como um catalizador de forças para resistir em meio ao caos.

Foi, então, que se começou a pensar na criação de um espaço acolhedor online, pois devido ao caos instaurado no início da pandemia, exigiu-se que os serviços em saúde passassem a realizar os atendimentos e manutenção do cuidado em saúde por trabalho remoto. Logo, conforme os protocolos e decretos publicados, a frase disparada como campanha de cuidado e prevenção à contaminação pelo vírus da Covid-19 foi “Fiquem em casa”. Essa campanha foi disparada com intenção de cuidado e segurança para as pessoas. Em contrapartida, também se tornou um risco de impactos negativos.

O acompanhamento em saúde mental, em geral, envolve um plano terapêutico singular no qual cada sujeito apresenta suas especificidades, necessidades de atenção com sua saúde e sua vida social. Invariavelmente, o cuidado em saúde

mental se faz em rede de serviços e de pessoas. A reabilitação psicossocial pressupõe circulação e acesso a diferentes serviços e pontos da cidade. Portanto, a partir do momento em que foi decretado que ficar em casa seria um ato resolutivo e cuidadoso com toda população, surge o questionamento sobre para quem seria seguro.

O programa de residência que se faz cenário dessa experiência se pauta pelo conceito de “saúde mental coletiva” (FAGUNDES, 2020), preza pelo ensino e formação em interface com a política da reforma psiquiátrica, orientada pela Lei Federal nº 10.216/2001 (BRASIL, 2001), lei da Reforma Psiquiátrica no Brasil. Por sua vez, o movimento de criação desta lei vem acompanhado de movimentos por uma “Sociedade sem manicômios” (AMARANTE, 1998) e a luta pela garantia de um cuidado em liberdade para todos os usuários em saúde mental (RIO GRANDE DO SUL, 2012a, 2012b). Assim, pensar um cuidado em rede e pautado pela liberdade, num momento em que se planeja o distanciamento físico como principal método de cuidado com a população contra a Covid-19, torna-se um desafio, pois a mesma estratégia que se propõe à proteção contra uma doença, produz adoecimentos no estado emocional das pessoas, produz sentimentos de abandono e enclausuramento. Portanto, pensar em liberdade na pandemia torna-se um grande analisador para a assistência em saúde mental:

[...] estudos têm revelado ainda que outros sintomas psicológicos são recorrentes em situações de distanciamento social, a saber: solidão, desesperança, angústia, exaustão, irritabilidade, tédio, raiva e sensação de abandono. Observa-se também maior probabilidade de ocorrência de distúrbios do sono, abuso de substâncias psicoativas e ideação suicida, bem como agravamento de transtornos mentais preexistentes. (NOAL; DAMÁSIO, 2020, p. 5).

Assim, um grupo de residentes em saúde mental coletiva, durante o ano de 2020, em três meses de isolamento social, estando distantes dos seus campos de prática, também foram atravessados por esses sintomas psicológicos, mas, coletivamente, conseguiram fazer dessas afetações desejo de criar algo que produzisse potência de vida e minimizasse as barreiras estabelecidas pelo enclausuramento. A arte surgiu como ferramenta de expressão do corpo, voz e sentimentos nas experiências dos residentes em promover saúde para as pessoas, por meio de encontros pela rede social, na tentativa de aproximar as pessoas e minimizar seus sofrimentos, referentes aos impactos negativos do distanciamento.

Foi quando os residentes escolheram compartilhar suas solidões que conseguiram extrair dessa solidão uma imensidão de ideias, reunindo um bloco de

afetos, que se tornou um catalisador na criação de um espaço ao encontro de resistir e existir. Para isso acontecer, foi preciso nos permitirmos acolher nossas afetações e nossos sentimentos de impotência, pois acreditávamos que da junção desses afetos, brotariam sentimentos de potência movendo e deslocando os pensamentos no traçar, inventar e criar. Na imanência do ser residente, a busca do que nos fortalecesse e levasse até os usuários bons afetos, acolhimento e pertencimento nesse período pandêmico. Inspiramo-nos em Spinoza, tal como citado por Noal-Gai: “agir segundo o afeto da alegria, afetar e ser afetado segundo a paixão alegre”. Diz a professora:

[...] são aquelas paixões que nos fortalecem, nos potencializam, nos põem em harmonia com a força de existir. São aquelas paixões que nos colocam em ação, em afeição, em expansão. O que aumenta nossa força de existir, o que Spinoza chama de *conatus*, e que pode aumentar ou diminuir ao longo da existência de encontros alegres e tristes. (NOAL-GAI, 2015, p. 39).

Ao compartilharem suas afetações, essas tornaram-se inspirações na composição de um plano, abrindo caminhos para transitar, estando entre o Dentro e o Fora da situação do isolamento social. Por esse motivo, entendemos que foi essencial sermos receptivos e nos deixarmos ser afetados pelos acontecimentos, mesmo reverberando em um corpo cansado. Compreendíamos que essas afetações vinham de forma muito atenciosa e explorando novas formas de experiência das práticas dos residentes em saúde mental coletiva e descortinando um novo cuidar de si e dos outros. Foi por esse caminho que o grupo de residentes se fortaleceu e se inspirou. No movimento em que cuidar de si, também é cuidar do outro. Essa era a saúde mental coletiva que estávamos buscando para a criação de uma ação afetiva e efetiva.

Como forma de cuidado, de si e dos outros, o grupo “Fritalhada” (a seguir apresentado), apostou num encontro virtual nos moldes de um sarau cultural, como ferramenta de encontro, de expressão e de compartilhamento de afetos: uma forma de cuidado em saúde mental, estando em distanciamento. Daí em diante, foram envolvidas as redes de serviço em saúde, cantores e artistas por profissão, contribuindo na expansão de uma ideia: a “Loucura Live”, nome dado ao sarau realizado em ambiente digital.

ASPECTOS METODOLÓGICOS E ÉTICOS

O trabalho aqui apresentado foi produzido nos termos definidos por Barbosa e Hess (2010) como Diário de Pesquisa, como forma de documentar um processo e permitir sua difusão como um percurso, memória de ações e sensações, margem ao compartilhamento de vivências e indicação de futuros às práticas e políticas em saúde mental coletiva.

O texto, que aqui se lê, vem marcado por um processo afetivo que será apresentado na escrita como inspiração ao novo, ao encontro de si e da formação e de diferentes formas de exteriorizar as questões vivenciadas pelo caos pandêmico. A escrita desse trabalho, realizado em um período de confinamento social, devido à situação de pandemia já citada, reverbera, dentre tantos outros, o sentimento de angústia. Nesta escrita que se apresenta, preocupamo-nos em não excluir tais sentimentos e de não velar os efeitos de tais sentimentos nos corpos dos residentes. Pois, tal como nos afirmam Barbosa e Hess (2010, p. 33):

[...] é possível radicalizar um pouco mais e afirmar que nesse novo enfoque não se trata de eliminar o processo de angústia que se desencadeia no observador diante do objeto de investigação, mas de assumir a angústia como método, ou seja: ao observá-la atentamente, interrogá-la e escutá-la de modo clínico e perspicaz, é possível caminhar em direção aos possíveis significados que emergem do objeto observado, lembrando que nas ciências humanas o objeto de pesquisa se constitui de sujeito, o que torna o processo mais complexo quanto ao uso das metodologias e das possibilidades interpretativas.

Esse modo de pesquisar se dá por uma atenção questionadora, efeito dessa angústia que nos toma quando ocupamos o lugar de aprendiz. Supostamente, ser aprendiz é se permitir acolher um não saber ou de saber tão pouco sobre determinada situação que vamos traçando os caminhos e nos permitindo colocarmo-nos em experiência de algo novo. Sobre o novo: não temos como pressupor o que virá de repercussão logo ali adiante. Justamente por afirmarmos que é algo novo, afirmamos que estaremos no espaço do desconhecido e nesse momento a angústia aparece.

Foi neste momento do novo, do desconhecido da pandemia, que nos valem da atenção às nossas afetações como método para planejar uma ação afetiva e efetiva no processo de formação da residência, durante o isolamento físico. Foi esse lugar do não saber que nos levou a pensar sobre o que fazer. O sentimento de angústia aqui já mencionado não se reporta apenas à angústia de dar conta de um corpo adoecido, mas à angústia de fazer algo, criar encontros, algo com produção de

afeto e de vida nesses tempos tão sombrios de dor e de morte. Nesse sentido, um grupo de residentes que se identifica como *fritalhada* vai se propor a desbravar uma ação, com a utilização das artes visuais na construção de um sarau, espaço que surge como algo novo.

Sarau é um conjunto de pessoas que se reúne para fazer atividades recreativas, como ouvir músicas, recitar poesias e conversar sobre isso. Fritalhada é o nome criado pelo grupo de residentes que se tornaram amigos durante a formação na residência. Fritalhada é um nome pensado a partir do verbo fritar, onde tudo que é frito é mais gostoso e para fritar precisa esquentar, ou seja, com a junção dos nossos afetos tudo esquentar e fica mais gostoso, por isso, Grupo Fritalhada, nos encontramos sempre fritando.

É essa construção que será aqui narrada, inspirada por meio dos termos de um diário de pesquisa, que para Joaquim Barbosa e Remi Hess (2010, p. 15), define-se como um recurso processual capaz em autoformação, entendida a partir da tríplice perspectiva “formação para a pesquisa; [formação] para a escrita e, principalmente, formação de si como autor de sua atuação no social da vida cotidiana”.

Assim, para além de mostrar nesse trabalho como fomos criando um novo modo de formação e de produção de cuidado em saúde mental, o corpo do texto, mostrará uma escrita que também necessitou de uma inspiração para se fazer e documentar uma experiência. Experiência esta, atravessada pela necessidade do residente de sentir-se em ato na formação, mesmo estando confinado em seu domicílio. Portanto, as questões problematizadoras que serão mencionadas aqui, envolvem o cuidado em saúde mental e o como pensar na manutenção do cuidado em liberdade por meio de um mundo on-line. Considerando o momento em que o mundo se encontra, a economia, assistência à saúde, a educação e a assistência social passam a operacionalizar de forma reduzida e, muitas vezes, on-line. Acarretando, assim, inúmeros impactos nas relações afetivas das pessoas. Conforme Barbosa e Hess (2010, p. 24-25):

Marcas no corpo e na psiquê, trata-se de ir além e essa superação não ocorre sem deixar vestígios, marcas... Eu sou eu e minhas marcas. O desafiante é acompanhar esse processo de alteração de si, de superação da própria cultura no seu interior, situado em contextos organizacionais nos quais nos encontramos na condição de analisador. A riqueza de nosso trabalho como pesquisadores e produtores de conhecimento só se acentua quando nos postamos nessa condição de produção de nossa autoria-cidadania (coautoria)... Autor-cidadão, portanto, é dar conta desse processo interno e

externo de alteração de si mesmo no interior da própria cultura, o que significa, em nosso caso, ir além dela.

Portanto, a escrita vai se apresentando como narrativa diarista, descrevendo e acompanhando um processo que se utiliza das artes como promoção de saúde. Descrevendo, também, o processo de implicação dos residentes na tentativa de gerenciar encontros potentes entre pessoas da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do município de Porto Alegre. Encontros que tomarão corpo nas ações que envolverão um sarau on-line, organizado pelo grupo de residentes, usuários e trabalhadores. Esse corpo passa por um alongamento, rompendo, literalmente, fronteiras do isolamento social, criando uma rede de comunicação que acaba conectando outros municípios do estado, do país e, até mesmo, no exterior.

Segundo a Resolução CNS nº 510, de 7 de abril de 2016 (BRASIL, 2016), não serão registradas nem avaliadas pelo sistema CEP/CONEP pesquisas que objetivam o aprofundamento teórico de situações que emergem espontânea e contingencialmente na prática profissional. Neste caso, desde que não revelem dados que possam “identificar o sujeito”. No presente caso não existem “sujeitos de pesquisa”, existem atores sociais em vivência de processos de interação social nas redes de comunicação digital, aborda-se um processo de intervenção profissional tal como existente no mundo das interações sociais, sem qualquer interferência do pesquisador. A presente pesquisa objetiva o aprofundamento teórico de situações que se movem espontânea e contingencialmente no mundo psicossocial ampliado, não havendo o sujeito submetido ou convidado à pesquisa, mas atores sociais em prática social nas redes de interação e comunicação digital. Além das observações nas redes sociais, os diários de pesquisa do pesquisador implicado e a consideração da escuta sensível de abordagem transversal, não havendo justificativa ou destinatário para termos de consentimento, assentimento ou anuência.

A SUBJETIVAÇÃO “RESIDENTE DE SAÚDE MENTAL NA PANDEMIA”

O processo da criação do sarau se fez um importante espaço de subjetivação para os residentes, pois esse movimento se deu com a análise de implicação (L'ABBATE, 2012). Naquele momento, para a construção desse algo novo. Uma análise que parte do momento em que os residentes se deparam com seus “cacos”, seus emaranhamentos e sentimentos de frustração, gerados pelos impactos negativos da pandemia e, ao mesmo tempo, tensionados por um sentimento de comprometimento ético de ter que dar conta das funções e formação como residentes em saúde mental.

Joaquim Barbosa e Remi Hess (2010, p. 35) nos mostram, no entendimento e prática do “Diário de Pesquisa”, que “sempre nos ensinaram, nossos professores e nossos pais, que não devemos mostrar nossas fraquezas, nossas imperfeições, nossos medos”, mas foi devido ao surgimento e percepção dos nossos “cacos”, que se deu a inspiração para criação de um espaço coletivo com efeito de experiência e aprendizagem sobre novas ações de cuidado em saúde mental. Segundo os autores, em:

[...] se tratando de nossa formação, com sentido principalmente para nós mesmos, esses cacos e amontoados de coisas também fazem parte da construção. Da nossa construção. Aliás, nós somos o que conseguimos nos tornar com nossos cacos e nossas imperfeições. Mesmo que não queiramos, nossos “cacos” estarão sempre presentes. Acho que aquilo de bom que pensamos em mostrar tem a ver com nossa habilidade de lidar com esse tipo de material, os “andaimos”, os “cacos”, em outras palavras, com nossas “implicações”. (BARBOSA, 2010, p. 36).

É dessa forma que me refiro ao processo de subjetivação, partindo do movimento de não velar o corpo adoecido do residente. Habitualmente, os outros pontos da relação com os residentes (trabalhadores e usuários) esperam destes o cuidado em saúde, mas, para isso, foi fundamental o grupo de residentes se pensar como “sujeitos também afetados pelos efeitos negativos da pandemia”. Sujeitos afetados, cuidados e cuidadores. Assim, essa experiência teve sentido de aprendizagem:

[...] aprender a lidar, a expor, a desdobrar, a jogar com nossas implicações, para que aquilo que produzimos seja uma extensão nossa e vice-versa. Para que tenha sentido. Assim, aprenderíamos a nos ver naquilo que fazemos e poderíamos também exercitar sobre a aprendizagem prazerosa da novidade que é nos vermos no que fazemos, e o que fazemos ser extensão do que somos. (BARBOSA; HESS, 2010, p. 36-37).

E assim fomos nos fazendo residentes de saúde mental, em movimento. Atentos a nós, ao cuidado dos usuários e na construção da rede necessária para fazer acontecer o sarau. Movimentos que se intensificaram na medida em que as relações foram se estabelecendo entre nós (residentes), usuários(as), trabalhadores(as) e o surgimento de novas questões e desafios. Tudo que nos levava à reflexão e à tomada de decisão. Reflexões que norteavam a construção dos nossos pensamentos, ao encontro do pensar sobre os impactos vindos do Fora. Movimentos que se retroalimentavam, que se deslocavam a cada passo, a cada nova ideia, novos questionamentos, novas necessidades, novas afetações. Por vezes, um deslocar rápido, noutras vezes mais devagar. Pluralidade de singularidades que impeliam nossos corpos. Numa relação fora-dentro, como para Deleuze se faz o pensar, deslocando-nos *do* senso comum *ao* pensamento.

Conforme Silva (2004, p. 243):

[...] Pensar não é (...) um ato involuntário e banal, mas algo que pressupõe uma relação imediata com o Fora, entendido aqui como um campo intensivo que se desloca a uma velocidade infinita. O Fora funciona assim como uma máquina abstrata que emite singularidades e envolve o movimento infinito do pensamento. O plano de imanência deleuziano caracteriza-se por uma topologia traçada a partir dessas “emissões de singularidade” [...] que fazem do pensamento uma máquina de experimentação permanente: pensar é pura potência de invenção. Essa experimentação, no entanto, não é calcada em um sujeito empírico ou transcendental, mas no impessoal como potência de atualização das virtualidades que habitam este campo intensivo que se desloca em uma velocidade infinita.

Destaca-se aqui, que, conforme este entendimento, pretende-se narrar a imanência de uma experiência em residência. Entre muitas descobertas, percebe-se formas possíveis de cuidar de si, distintas maneiras de relações possíveis como sujeito no mundo, transcendendo fronteiras criadas pelo distanciamento físico. Fronteiras envolvendo pessoas e suas singularidades na medida do desejo de criar e fazer acontecer algo como produção de afeto. Aqui se faz necessário pensar o dentro-fora como um espaço suspenso, que suscitou atenção aos processos de subjetivação, reflexão e análise ao longo da constituição da Loucura Live.

Paralelo ao período pandêmico, estamos vivendo atrocidades nas políticas públicas, desmonte e sucateamento nos serviços públicos que atingem, também, aos programas de residência em saúde. Dessa forma, colocando as pessoas que dependem diretamente das políticas públicas como garantia de vida numa luta de sobrevivência, um exercício cotidiano de resistência. Como nas palavras vívidas de

Daiana Santos, vereadora negra, eleita em Porto Alegre no ano de 2020: “todos os dias uma luta, todos os dias uma esperança”.

OS CAMINHOS DO SARAU, DESBRAVANDO OS CONTATOS QUENTES

Minha resistência é regada pela paixão e o desejo de um cuidado em liberdade para todas as pessoas. Pulsam vibrantemente, quando retomo na memória, as narrativas dos usuários sobre o cuidado que desejam em saúde mental. São relatos ouvidos durante encontros nos movimentos sociais, nos espaços de atendimento, nos acompanhamentos terapêuticos, nas experiências de estar-com que o acaso proporcionou. Nos espaços com desejo, a arte transita.

Considerando o plano dos afetos-afecção e o desejo por um espaço de encontro artístico, percorro uma noite pensando e, também, me perguntando: o que eu posso fazer de prazeroso nesse momento? O que faria lá fora que posso fazer aqui dentro? Bom, logo me dei por conta que já estávamos no mês de maio e que nesse mês comemoramos a Luta Antimanicomial (AMARANTE, 1998). Essa semana sempre me vem carregada de muito afeto. Semana em que rola um ponto de encontro entre as pessoas que acreditam no cuidado em liberdade e passam a compartilhar suas histórias de lutas políticas, lutas coletivas, lutas desterritorializadas.

Ao me dar conta do dia 18 de maio de 2020, voltei ao ano de 2015. Esse foi o ano em que a Nau da Liberdade¹ fez sua apresentação navegando no barco Cisne Branco, em Porto Alegre, junto aos seus tripulantes. A apresentação foi linda, foi calculada para aproveitar o pôr do sol. Estavam presentes trabalhadores e usuários da Rede de Atenção Psicossocial, residentes em saúde mental, estagiários e demais pessoas. No meio da apresentação, uma exclamação surge:

Esse tipo de encontro não precisa esperar só a semana antimanicomial! (Fala de um residente da Educação Física)

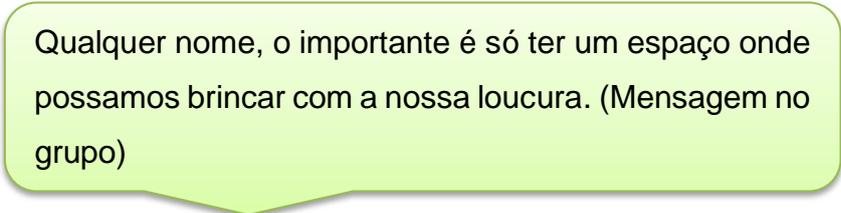
Sigo meu passeio de recordações ao ano de 2019. Um pequeno grupo de residentes em saúde mental da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

¹ A Nau da Liberdade surgiu de uma residência artística com a companhia italiana de teatro Accademia Dellla Follia, que, entre fevereiro e maio de 2013, uniu atores-loucos do Brasil e da Itália na criação do espetáculo *Azul como Liberdade*. Como parte da tripulação desta Nau, fizeram parte residentes em Saúde Mental Coletiva da Escola de Saúde Pública (ESP/RS) e do Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde (EducaSaúde), da UFRGS, moradores dos Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT) Morada São Pedro, do Projeto São Pedro Cidadão (projeto de desmanicomialização do Hospital Psiquiátrico São Pedro), e Casa da Praça, inaugurado em 2013, além de outros pontos de atenção em saúde mental da cidade de Porto Alegre e região metropolitana, ou seja, todos trabalhadores e/ou usuários da saúde mental, conforme Pommer e Rocha (2015, p. 47).

se reúne com a proposta de organizar um ponto de encontro de experimentações culturais para o 18 de maio. Logo a ideia foi tomando corpo, residentes de outras instituições foram participando e trabalhadores da rede apoiando. Nesse encontro, eram muitos os espaços às experimentações, foi um lindo dia de sol no Parque Farroupilha, ocupamos os dois lados do parque com rodas musicais, oficinas, barraquinhas com aplicação de Reiki e um microfone amplificado, onde as pessoas se apresentavam mostrando a sua arte.

Ao final desse “ponto de encontro”, tivemos um retorno surpreendente. Trabalhadores verbalizavam a necessidade de um encontro para a troca de afetos, mencionavam que se sentiam sobrecarregados pelo sistema com que são gerenciados em seus locais de trabalho. Aquela forma de aglomeração foi capaz de produzir uma potência imprevista. Afetos, sorrisos, danças, cheiros e sabores pareciam estar tocando o sensível de cada um dos presentes. Estávamos entendendo que todos nós queríamos ser abraçados. Por meio dessas memórias, meu corpo ficou alimentado de potência (afetos-rememoração) e começaram a borbulhar ideias sobre como levar arte, como oferta de afeto, por meio do trabalho remoto.

No dia 11 de maio de 2020, com primeiro contato realizado através do aplicativo WhatsApp, no grupo Fritalhada, lancei a ideia de organizarmos um “18 de maio” com um Sarau aberto em uma *live*. Logo tive apoio de todos os amigos residentes em saúde mental e passamos a construir juntos tal iniciativa. O primeiro passo foi nos debruçarmos a saber qual o melhor canal das redes sociais para o acesso dos usuários. Após longa conversa entre os residentes, sobre nossas vivências nos espaços de trabalho, decidimos realizar o sarau pela plataforma Facebook, pois, além de ser uma rede mais popular, era o espaço em que mais encontrávamos on-line os usuários dos serviços de saúde mental. O segundo passo foi darmos um nome a esse espaço. Não demorou muito, questão de segundos:



Qualquer nome, o importante é só ter um espaço onde possamos brincar com a nossa loucura. (Mensagem no grupo)

O espaço foi, então, batizado por “Loucura Live – vamos brincar com a nossa loucura on-line” (Figura 1).

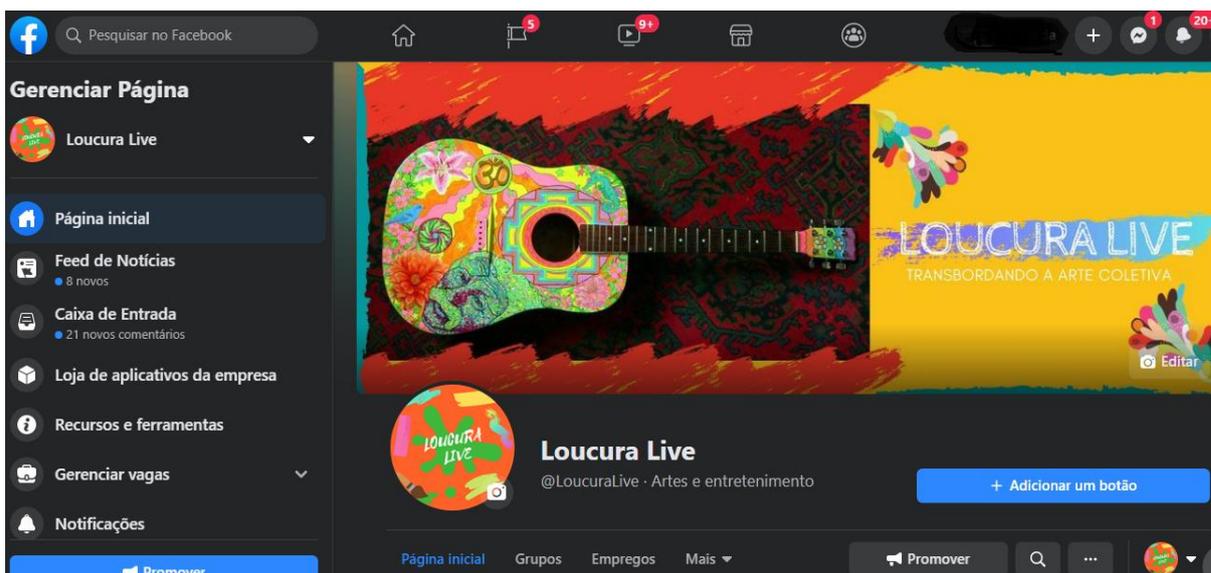


Figura 1 - Perfil da página Loucura Live na rede social Facebook (<https://www.facebook.com/LoucuraLive>)

Na Fritalhada há uma aglomeração de ideias e criatividade, um encontro de residentes que acreditavam na proposta de formação da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde. No início da pandemia, ficamos em um momento de espera, sem saber como ficaríamos as nossas idas a campo. Essa espera gerou dúvidas, medos, preocupações com a formação dos residentes, sendo que para a formação em residência temos a necessidade de estar presencialmente no campo, colocar-nos em ato, programar atendimentos, contatar os usuários, entrar em reuniões de equipe e espaços de educação permanente em saúde, estabelecer aproximação com o território e com a linha de cuidado e experimentar seu corpo.

Nesta nova configuração, então, começamos o contato com as redes de saúde e de pares no WhatsApp, Facebook e por e-mail. Fizemos uma lista de pessoas conhecidas na rede *mentaleira*, para além dos espaços em que atuávamos na residência. Fomos entrando em contato com as pessoas dos serviços, com os usuários com os quais tínhamos contato pelo Facebook, com os grupos de trabalho no WhatsApp e, assim, começamos a compartilhar.

Logo essa mensagem foi sendo compartilhada por muitas pessoas nas redes sociais e nos grupos de WhatsApp. Entramos em contato com artistas da cidade de Porto Alegre e de São Gabriel, no Rio Grande do Sul, e de Manaus, no Amazonas, para divulgar o projeto do Sarau e convidar para participar desse momento. A inclusão dessas cidades foi por causa do vínculo de uma residente integrante do grupo Fritalhada com alguns músicos e artistas. A proposta foi sendo compartilhada com o

grupo de artistas, que demonstraram interesse em saber o que faz um programa de residência, o que é a luta antimanicomial, o porquê defendemos o SUS e por que acreditamos no espaço desse sarau como espaço de cuidado em saúde (Figura 2). Os profissionais músicos foram extremamente generosos e parceiros da ideia e passaram a compartilhar contatos de outros músicos e artistas para realizar mais convites e mais participações.

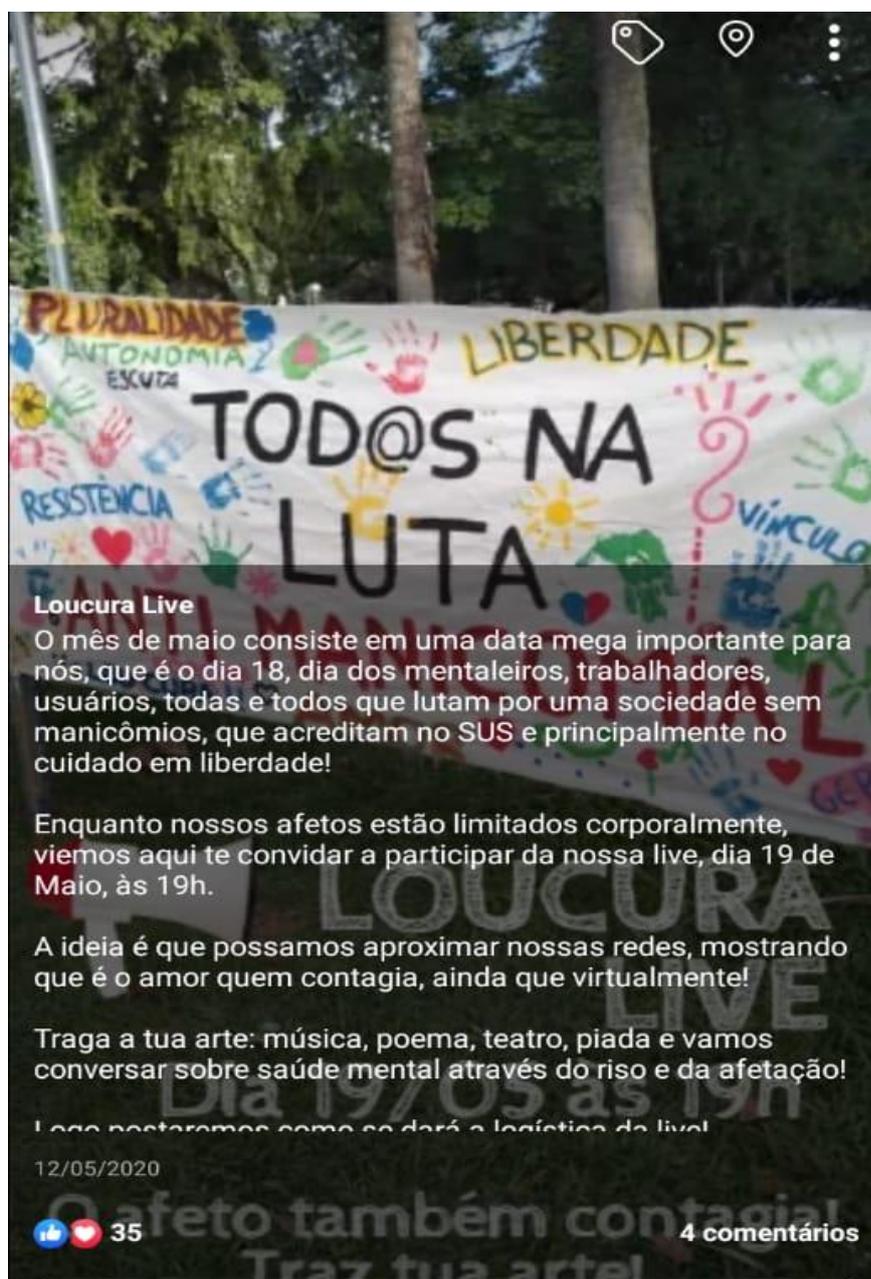


Figura 2 - Folder da chamada ao Sarau Loucura Live, 12 de maio de 2020
Fonte: <https://www.facebook.com/LoucuraLive/photos/115920023446921>

Esse movimento dos contatos com as redes artísticas e profissionais ajudou na divulgação da luta antimanicomial e na potência da criação desse espaço. Ao mesmo tempo, os retornos que iam chegando, a cada aceite, a cada vibração, iam enchendo ainda mais de sentido as nossas ações, a nossa aposta. A aposta desse encontro era fazermos a junção de pessoas que vivem da sua arte como meio de trabalho, pessoas que fazem uso da arte como meio de cuidado da sua saúde mental e pessoas que cuidam ou são cuidadas em serviços de saúde mental e que dominam alguma forma de intervenção artística. Assim, envolveríamos unicamente o olhar artístico e podendo deixar de lado o olhar *rótulo de louco*.

Após obtermos as primeiras confirmações das pessoas que iriam participar, resolvemos fazer um *folder* de divulgação dos artistas confirmados e, naquela imagem, já não era possível identificar quem era o (mais) louco da história. O que se visualizava na imagem do folder era uma programação artística, convidando para participar: assistindo ou se apresentando. O que se via era apenas artistas querendo mostrar sua arte e levar um pouco de leveza até as casas, em uma situação pandêmica.

Tivemos mais de 230 pessoas alcançadas na divulgação, mas não paramos por aí. Acreditávamos que conseguiríamos ir mais além e realizamos a chamada para um sarau por meio de um vídeo, com a participação dos residentes cantando a música Evidências². Conseguimos avançar com mais 190 pessoas alcançadas e 21 partilhas do vídeo. Logo, o folder principal, de anúncio do sarau Loucura Live, estava com 3.893 pessoas alcançadas e 38 partilhas (Figuras 3, 4 e 5).

O primeiro sarau Loucura Live, em prol do 18 de maio, foi realizado no dia 19 de maio, pois o Fórum Gaúcho de Saúde Mental já tinha uma programação da qual faríamos parte, o Madrugadão Mentaleiro. O sarau entrava na programação da Semana do 18 de maio. Como combinado, o sarau ocorreu no dia 19/05/2020, às 19 horas.

² Evidências é uma das músicas brasileiras mais populares, composição por José Augusto e sucesso na voz da dupla sertaneja Chitãozinho & Xororó.
([https://pt.wikipedia.org/wiki/Evid%C3%A2ncias_\(can%C3%A7%C3%A3o\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Evid%C3%A2ncias_(can%C3%A7%C3%A3o))).

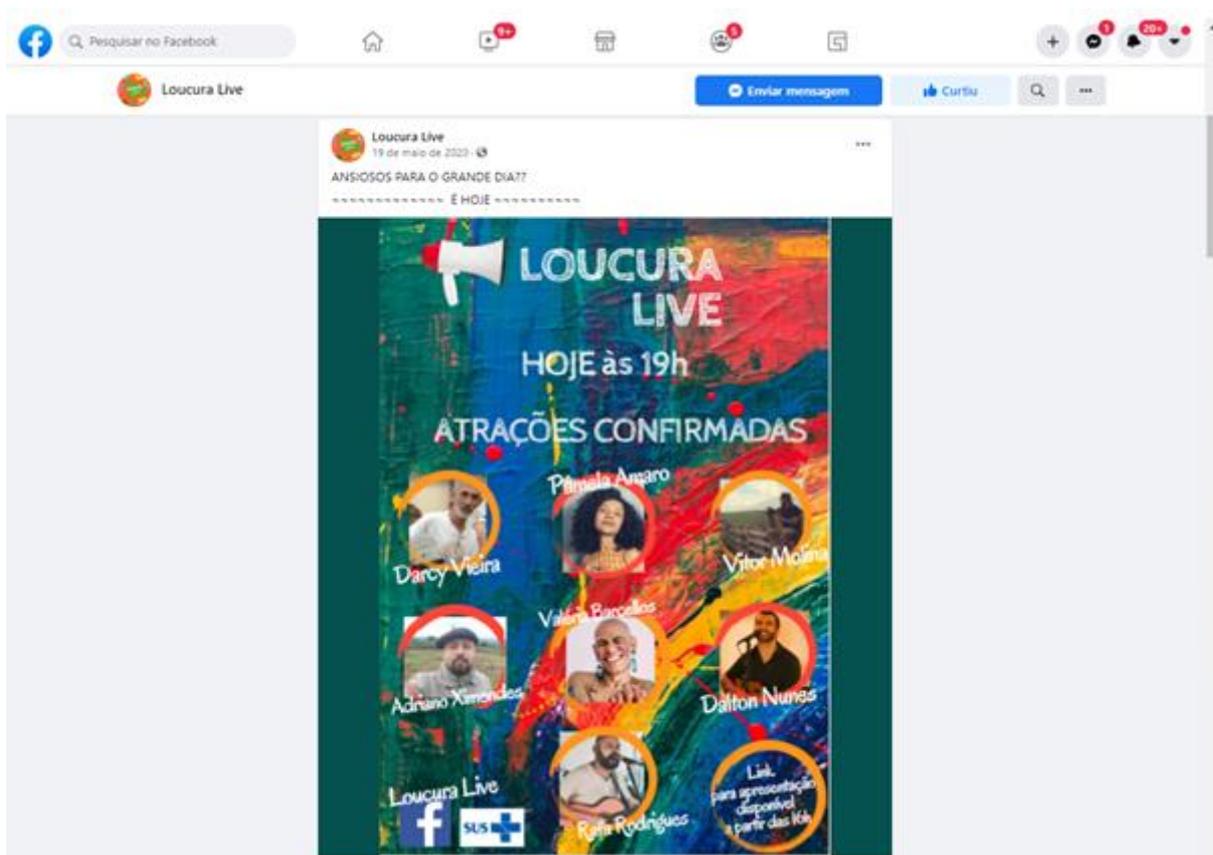


Figura 3 - Post com cronograma das atrações no 1º Sarau Loucura Live

Fonte: <https://www.facebook.com/LoucuraLive/photos/a.115404226831834/120178573021066>

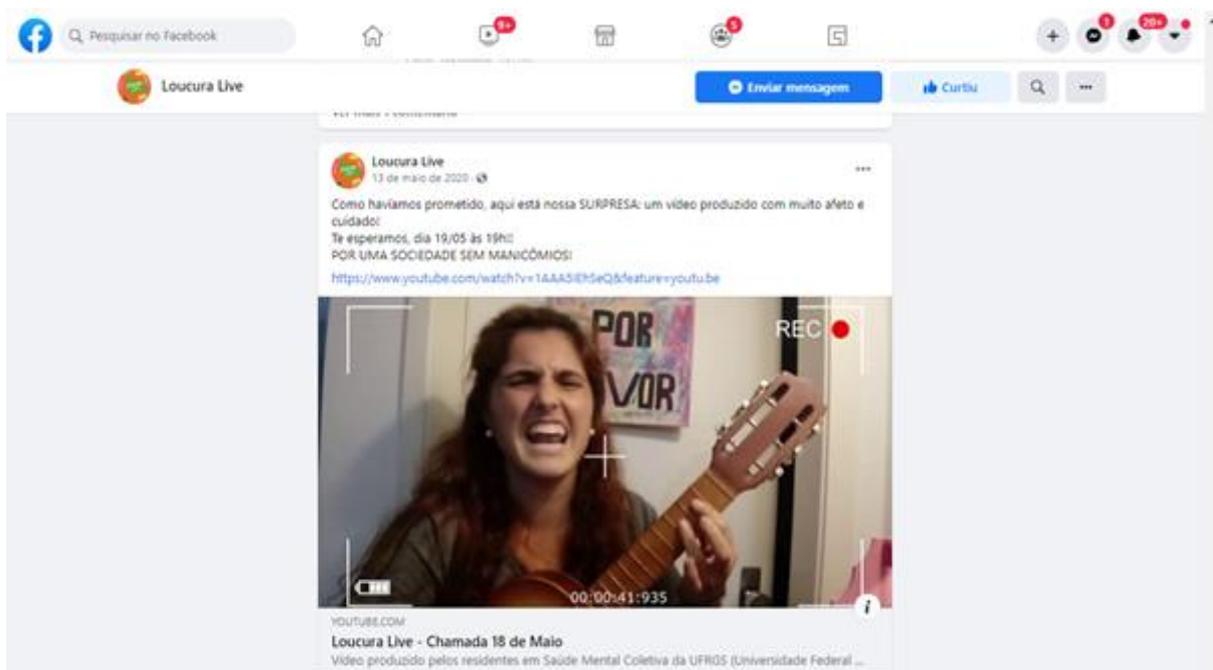


Figura 4 - Vídeo realizado por residentes para chamada do Sarau referente ao 18 de maio

Fonte: <https://www.facebook.com/LoucuraLive/posts/116160226756234>



Figura 1 - Registro do encontro presencial na semana do 18 de maio, Parque Farroupilha
Fonte: <https://www.facebook.com/LoucuraLive/photos/a.115404226831834/115920023446921/>

A brincadeira foi se estendendo e foi possível sentir o resultado da criação do espaço artístico-cultural para a saúde mental e a atenção psicossocial. As pessoas estavam interagindo, expressando seus sorrisos, carinhos e abraços por meio de *emoticons*, além de palavras de apoio e de agradecimento aos artistas. Todas as apresentações tiveram retorno com uma repercussão de reconhecimento pela presença da arte. O primeiro sarau teve duração de três horas com a participação de 11 artistas. Tivemos apresentações musicais, contação de histórias e uma apresentação teatral.

Durante a *live*, ficamos atentas a todas as observações que entendíamos como necessárias para realizar o sarau. Também ficamos atentas a quem entrava e a quem comentava, quem pedia para participar e de quem sentíamos falta. Tivemos de 50 a 60 pessoas nos acompanhando, colocando seus comentários, curtindo e fazendo pedidos de música para os artistas. O número maior de participantes foi o dos trabalhadores da rede de saúde e dos residentes, com poucos usuários dos serviços

de saúde mental participando. Estávamos, eu e uma colega, como mediadoras do sarau, recebendo as pessoas e anunciando as atrações. Ao lado, havia um “corpo técnico” com mais duas pessoas que nos davam assistência, mandando os convites para os participantes e colocando os comentários em destaque das pessoas que iam aderindo.

Percebia que o efeito daquela movimentação artística estava promovendo um fio condutor afetivo que nos levava a prolongar nossos corpos de uma outra forma; conectados. O prolongamento dos corpos pela/em rede de afetos e que também estava promovendo saúde e qualidade de vida, minimizando o sofrimento que o isolamento social provocado pela pandemia estava causando. Esse momento, em meio à pandemia, foi onde tive a certeza de que a arte poderia trabalhar como dispositivo de cuidado dentro da atual conjuntura, e que a página da Loucura Live não era apenas uma página nas plataformas de rede social, ela mostrou o seu propósito. Decidimos seguir com o investimento na arte como produção de afeto e um espaço para escoar o isolamento e sentirmos que não estávamos sós. Passamos a nos debruçar em uma organização que demandava contato diário com a rede de serviços da atenção psicossocial, mas, também, com suas “redes quentes”.

O primeiro sarau nos ajudou a perceber algumas dificuldades e sobre elas trabalhar, para realizar um espaço com mais acesso para os usuários. Foi um lindo encontro, emocionante de ver. Muitos trabalhadores da RAPS de Porto Alegre, residentes, professores, profissionais das artes e amigos dos amigos, mas sentimos falta da presença on-line dos usuários. Nesse sentir, tomamos como observação a ser repensada a estrutura de organização, pois o sarau tinha uma proposta de ser utilizado como ponto de encontro na saúde mental, compartilhando carinho através da arte, reduzindo a distância e o sentimento de abandono. Essa preocupação e o movimento de reorganização, levaram a equipe Loucura Live a criar um grupo de trabalhadores e usuários para escutar as ideias, dificuldades e caminhos para chegar na garantia do acesso de todos ao sarau. Então criou-se um grupo no aplicativo WhatsApp com o nome *Equipe Loucura Live*. Com esse grupo, passou-se a pensar a realização do próximo sarau Loucura Live, a acontecer em 16 e julho de 2020, às 14 horas, integrando as festas juninas (Figura 6).



Figura 6 - Post com atrações artísticas confirmadas para o sarau de Festa Julina

Fonte: <https://www.facebook.com/LoucuraLive/photos/a.116575783381345/145565397149050/>

Nessa equipe havia trabalhadores e usuários, representando os serviços da rede de saúde mental. Após as reuniões que realizávamos, os integrantes compartilhavam as informações em seus serviços de referência e, assim, dávamos a construção de uma escuta singular para cada território. Nos reuníamos em uma sala on-line para realizar a reunião. Ali eram trazidas as propostas de participação, as questões de cada um dos participantes e, assim, íamos traçando a organização e o cronograma das atividades. O ponto em comum em todos os serviços foi a dificuldade do acesso à Internet. Muitos dos usuários que desejavam participar não tinham um aparelho tecnológico ou conexão de Internet em suas casas.

A realização do segundo sarau nos exigiu pensar sobre nossas capacidades de realização e as possibilidades de explorar mais as redes afetivas. Nos debruçamos para que nesse sarau houvesse maior número de usuários e, para isso, precisaríamos nos articular mais e melhor com os serviços. Entendíamos que a garantia de um terminal digital com Internet era um dos principais objetivos para esse segundo sarau.

Fizemos uma nova lista de serviços e articulamos com os trabalhadores a realização do sarau. Destacamos a necessidade da *live* ser realizada em horário de funcionamento dos serviços, pois entendíamos que assim facilitaria o acesso à Internet para os usuários que gostariam de participar e não tinham meios tecnológicos em suas residências. Essa acessibilidade se mostrou ser um analisador no primeiro sarau, pois havia mais trabalhadores que usuários dos serviços de saúde mental. O segundo Sarau ocorreu em 19 de julho de 2020.

Esse movimento da garantia da Internet, necessitou de mais atenção e delicadeza dobrada na comunicação com as redes. Pois em alguns serviços os próprios trabalhadores não tinham acesso à senha da Internet e, conseqüentemente, não tinham como disponibilizar para o usuário acessar em seu aparelho. Também em alguns serviços havia poucos computadores e que eram utilizados pelos trabalhadores para a realizar tarefas de suas demandas, ou seja, garantir Internet para acesso ao sarau necessitou o envolvimento dos trabalhadores e uma abertura de reorganização/invenção nos fluxos dos locais de trabalho. Trabalhadores, entre si, se organizavam, criando espaços para que o sarau Loucura Live pudesse ser acessado ali, naquele local. A partir desse movimento, a Equipe Loucura Live, se depara em construção e fortalecimento com o que podemos chamar de redes quentes. Conforme Passos (2000, p. 8):

[...] acreditamos que não há como escaparmos das redes e, por isso, a estratégia é a de constituirmos outras redes: redes quentes, i.e., redes não comprometidas com a exploração capitalista nem com o terror, mas sintonizadas com a vida, redes autopoiéticas. Redes públicas que envolvem a dimensão coletiva da existência e que estão comprometidas em processos de produção de subjetividades não dominadas pelo pânico, pela dívida, pela depressão. Este é o compromisso clínico-político que nos anima.

Redes afetivas potencializadoras, que vão ao encontro da produção de vida, esse foi o movimento e a relação com a rede que a Loucura Live estabeleceu. Mesmo em tempos tão difíceis e dolorosos como estes que estamos vivendo, ainda é possível acreditarmos no cuidado em liberdade, que só é possível se for um cuidado compartilhado, para isso precisamos criar e aquecer nossas relações. Possibilitando construção de redes afetivas comprometidas com a saúde dos usuários do Sistema Único de Saúde.

Dessa forma, a equipe Loucura Live pode seguir agenciando encontros por meio do sarau, apostando junto com a rede de saúde mental, artistas, amigos,

familiares e vizinhos um espaço de interação e cuidado através das artes como produção de afeto.

A comunicação com os trabalhadores da rede já estava estabelecida de uma forma efetiva, implicada e harmoniosa, mas sentíamos que faltava ampliar o acesso direto com os usuários, pois entendíamos que a inspiração do espaço da página Loucura Live se dava também por conta da participação dos usuários. Como ampliar esse acesso aos usuários? Entramos em contato com os usuários dos espaços de oficinas de geração de renda para estender o convite à participação na organização do sarau. Foi necessário pensar no tempo de deslocamento dos usuários entre suas casas e serviços. Isso nos ajudou também na organização cronológica das apresentações, garantindo que cada usuário tivesse acesso ao sarau dentro do seu tempo.

Cada participante apresentava necessidades diferentes de tempo e deslocamento. Uns estavam mais longe, outros mais próximos de seus serviços de referência. Também havia situações em que alguns usuários dependiam de companhia para se deslocar na cidade, outros com mais autonomia. A produção de cuidado desse espaço começou a expandir, pois os serviços começaram a entrar em contato com equipe da Loucura Live para propor parcerias. Novos contatos surgiram, CAPS Capilé, de Novo Hamburgo, CAPS II, de Sapucaia do Sul, na região metropolitana de Porto Alegre, e CAPS III Passo a Passo, do Grupo Hospitalar Conceição, de Porto Alegre. Para além dos serviços, artistas da cidade de Pelotas - região sul do estado do Rio Grande do Sul, o Grupo de Teatro Nau da Liberdade e participação de Portugal.

O envolvimento de Pelotas foi a partir de um convite realizado por uma participante no primeiro sarau, indicando uma artista contadora de histórias para participar do espaço. Portugal foi no mesmo sentido, o músico Rafael, de Porto Alegre, que participou no primeiro sarau, também, lembrou de um amigo músico, o qual já teve envolvimento com a luta antimanicomial, e, hoje, segue sua carreira profissional como músico em Portugal. Todos esses artistas e músicos aparecem nas publicações de divulgação nas redes sociais, as quais estão anexadas ao final desse trabalho, como forma de registro.

No segundo sarau houve um número maior de usuários do que trabalhadores. Importante destacar que, para além da mobilização dos trabalhadores em garantir acesso à Internet, também houve uma mobilização dos familiares dos usuários para

garantir que seu familiar pudesse participar. Muitos tiveram o sinal de Internet disponibilizado pelo vizinho mais próximo de sua casa, ou seja, o acesso exigiu contatos e estabelecimento de outras redes. Foi passando do amigo para o vizinho, do vizinho para o colega, do colega para seu familiar e assim por diante.

O segundo sarau contou com a participação dos seguintes serviços de saúde mental: Caps II Capilé, de São Leopoldo, Caps AD III - Passo a Passo/GHC, Geração POA e Caps II Bem-estar, de Sapucaia do Sul. Nesse dia, o sarau teve a duração de 3h45min. Foram muitos os pedidos para participar. Chegamos a 76 pessoas acompanhando on-line, 179 interações em comentários e 21 partilhas do Sarau.

Tratar da organização do sarau diretamente com os artistas/arteiros da rede de saúde mental nos mostrou muitos caminhos e possibilidades, principalmente, a divulgação da economia solidária na página virtual. Surgiu-nos a ideia de ter um canal Bate Papo na página, de modo que pudéssemos realizar rodas de conversa com temas que pudessem fortalecer os pontos que mais estavam afetando a saúde mental. Também pensamos em criar um ateliê on-line dentro da página da Loucura Live, em que os artistas pudessem compartilhar suas obras e deixá-las em exposição para que as pessoas pudessem curtir e se deliciarem com as incríveis ilustrações.

Após o segundo evento, a rede Loucura Live tomou uma proporção que somente os saraus com as datas e hora marcadas não estavam sendo suficientes. Logo, em conversa da equipe Loucura Live, decidiu-se deixar a página da loucura live aberta no Facebook para encontros livres. Outras propostas reverberaram para a página, dando origem aos seguintes espaços: Espaço de ateliê online: onde os seguidores da página pudessem publicar e divulgar seus trabalhos e criações artísticas; Espaço de bate-papo: espaço livre para conversar sobre qualquer assunto, por vezes era só um encontro e um chimarrão, outras vezes surgiam temas escolhidos pelos participantes; Espaço de geração de renda: espaço de apoio à economia solidária, apoiando as produções realizadas pelas pessoas da nossa rede.

A loucura live recebeu alguns convites para participar de outras lives, uma delas a do *Orgulho louco*. Para apresentação nessa live, a equipe da loucura live organizou uma forma de materializar a presença do coletivo que compõe a existência do espaço loucura live. Sendo assim, foi realizada uma carta coletiva que começava com a seguinte frase: **O que é loucura live pra ti?** (anexada ao final desse trabalho com os demais registros do processo da criação desse sarau).

AGENCIANDO O AFETO, A ARTE E O BRINCAR

Pois arte, para Deleuze, é uma prática. Ela só vale porque serve à vida. A arte como resistência possibilita pensar de outros modos a constituição de si ampliando uma certa estética da existência no campo da formação. (DIAS, 2009, p. 6).

A arte ela é alegria e tristeza, solidão e multidão, sentido ou sem sentido, simplesmente permitindo criar um espaço dentro de si em que possa ser seu refúgio e sua companhia transcendente. Possibilitando de alguma forma que os sujeitos afetados por determinadas cenas e imagens, por coisas boas ou ruins, possam falar desses agentes não palpáveis, promovendo um desconfinamento de seus sentimentos adoecedores.

Pensar Arte ...

Compartilhamento em coletivo...

Desbravar fronteiras...

AFETO INTENSIDADE, SUBJETIVIDADE... **VITALIDADE...**

Liberdade de EXPRESSÃO.

A entrada da arte neste percurso foi na intenção de incentivar um espaço de expressão livre, que fizesse sentido para o sujeito, garantindo que fosse um lugar onde pudéssemos escoar nossos sentimentos de medo, inseguranças sobre os dias tão frágeis e adoecedores que estávamos vivendo. Pensando dessa forma, apostamos na intensidade dessa ferramenta, na utilização da arte através da criação de um *Sarau Online*. Compartilhando sensações e emoções por meio de músicas, contação de histórias, apresentação de peças e/ou um simples bate papo. O objetivo maior desta aposta era promover encontros com vitalidade, gerando forças e cuidado, para seguirmos. Dessa forma, nos primeiros meses do isolamento, o cuidado em saúde mental, pelo grupo de residentes, passa a apostar nas experimentações virtuais. O passo seguinte era: como fazer essa proposta chegar até a rede de saúde e, mais, até os usuários dos serviços?

Mexendo com os afetos, começamos a reunir a arte e o brincar, introduzindo a diversão, numa tentativa de ganhar a dimensão dos corpos, das relações e das

possibilidades inovadoras. Arte e brincadeira ou diversão por meio da arte. Desde aí a introdução da diversão como resistência, emergência de movimentos de si e de encontro, agenciamentos livres e, quem sabe, inusitados, contudo, marcados pela produção de relações sociais. Dias (2010, p. 6) diz que, na perspectiva deleuziana, “como resistência, a arte articula-se ao político” e, neste sentido, “implica potência de pensamento”. A arte como resistência possibilitaria “pensar de outros modos a constituição de si, ampliando uma certa estética da existência no campo da formação”. Cita Deleuze para afirmar que a arte “não é um instrumento de comunicação”, nela existiria, também, “uma contrainformação, um ato de resistência”.

O contato estabelecido com os serviços nos ajudou na elaboração para isso acontecer. Esse contato envolveu inúmeras ligações, muitas conversas com trabalhadores das equipes de referências dos serviços por telefone e trocas de mensagens, envolveu o tempo e a generosidade das pessoas apoiando e acreditando que para fazer algo pudéssemos sentir juntos.

Refliço: não há outro modo de fazer alguma coisa que não a mobilização artística. Meu conceito de vida e educação é o que todo ser humano é um ser criativo e livre. A arte melhora a criatividade e a capacidade criadora, a capacidade criadora melhora a liberdade e a liberdade melhora a arte. Nossa realidade social tem reprimido a liberdade, a arte e a criação. A educação cultural tem sido a da repressão, da contenção, da limitação dos seres humanos e, nesse sentido, uma educação para a vida e a fruição da arte têm o sentido político de dar lugar a outros modos de relação com o mundo, com as pessoas e consigo mesmo (DIAS, 2010).

Conforme diz Rosimere de Oliveira Dias (2010, p. 5), citando o poeta Manoel de Barros, “agenciando-se com os poetas, [...] *quem não tem ferramentas de brincar, inventa!*” Brincar em tempos de pandemia necessita da aposta na diversão. Para isso, precisaríamos estender a mão e chamar mais gente, dessa forma seria possível compartilhar a solidão que o isolamento protetivo reverberava e unir pessoas para compartilhar e ativar afetos.

Noal-Gai (2015) diz que seria justamente por uma “ética do brincar” que geraríamos métodos em saúde e em educação, seja para ensinar ou para cuidar. Através do brincar emergiria uma *entrecomposição* de docência e intervenção terapêutica capaz de composição de coletivos de criação, de riso, de arte, de aprendizado e de produção de saúde mental. Em educação, em saúde, em pesquisa

podemos operar “com a ética posta a brincar em tempo de instabilidade e, ao mesmo tempo, de possibilidades outras de existir, de ser-sendo”:

[...] posição de que podemos ser muitos, ser vários, olhar para todos os lados, em perspectiva, tanto em educação, quanto em saúde [...]. [...] se pensa na pedagogia que se valha do comum, do comunitário, dos dias móbicos e simples a que nos submetemos, para que se produza educação como saúde, saúde como saúde, saúde e educação, educação e saúde. (NOAL-GAI, 2015, p. 13).

CONCLUSÃO

13/03/2021 – Um ano se passou. A residência é um programa em saúde que proporciona múltiplas experiências e novos caminhos. Um espaço que ao chegar, te convida a ocupar um lugar de aprendiz e deixar as experiências já vividas em suspensão, onde se possa permitir-se desfrutar de novos conhecimentos e (re)significar processos de aprendizagem. Esse foi o meu sentimento ao ingressar na residência no ano de 2019 e em contraste com a experiência do segundo ano de 2020, se intensifica quando surge radicalmente a necessidade de pensar um novo processo de aprender e usufruir das oportunidades dos encontros coletivos.

Por conta disso, percorremos o caminho da conectividade virtual, nos colocando fisicamente distantes, mas sem nos distanciar do caminho dos afetos-afetação. Caminho que nos move, ensina, que nos convoca a pensar sobre determinada situação vivida e sentida. Esse foi o caminho tão desejado pela prática de aprendizagem quando residente em saúde mental coletiva e do quanto foi possível sentir que estava produzindo trabalho em ato, mesmo estando em isolamento físico.

A criação da Loucura Live permitiu o contato com a experiência entre usuários, trabalhadores e a rede de saúde, usufruindo das artes, enquanto forma de expressão, nos conectando com alegrias e dando vazão para as dores. Apresentando, também, novas formas de produzir cuidado, sem o toque, sem o abraço, sem a presença física.

Hoje, um ano se passou e vivemos um momento da pandemia pior do que há um ano. Hoje, ao passarmos de 300 mil pessoas mortas em razão da pandemia, temos um índice de isolamento muito menor do que quando a pandemia começou. Isso, dentre outras questões, nos faz pensar que as mediações virtuais e o isolamento não foram suficientes. Mesmo durante o processo de construção do sarau, reconhecemos o limite dessa estratégia: o acesso a equipamentos eletrônicos, saber fazer uso das tecnologias, ter acesso à Internet, poder se deslocar até um serviço de saúde, estar vinculado a um serviço de saúde. Mesmo com limites de abrangência, para estes que detinham estes privilégios, conseguimos nos fazer presentes, construir relações e momentos de leveza, em meio ao esgotamento causado pela pandemia. E, nós residentes em saúde mental, também pudemos sentir-nos em formação, em trabalho vivo.

Outro aspecto que se fez evidente é como o uso das tecnologias de comunicação foram amplamente utilizados pelos diversos dispositivos da RAPS. Tal

como o sarau se utilizou das redes sociais e da Internet, pudemos perceber que o uso de ligações telefônicas, vídeochamadas, reuniões on-line passaram a ser muito mais utilizadas como mais uma forma de estar perto e oferecer cuidado. Sabemos que não se trata de uma substituição, mas de uma ampliação das ferramentas de cuidado.

Essas questões emergiram a partir da necessidade de novas formas de promover cuidado em saúde mental no período do segundo ano de residência, mostrando que pensar ações futuras em saúde mental, nos tempos que estamos vivendo, nos exige um exercício contínuo de explorarmos nossa criatividade para dar conta das necessidades que vão surgindo.

A escrita, como declara Ferrugem (2018, p. 9), “para além de um processo de comunicação, é uma maneira de conexão entre afetos, saberes e fazeres, em que colocamos em movimento estas dimensões para expressar percepções e descobertas, modos de ser e estar no mundo”. Essa escrita foi resultado dessas conexões, assim, vem carregada dos encontros que se fizeram de individuais em coletivos, de sentimentos em pensamentos.

Concluo dizendo que foi a sensação de limite que nos obrigou à reinvenção. Foi esse movimento que me acompanhou nesse espaço de formação e no cuidado em saúde mental coletiva. O limite que nos causou a dor do isolamento. Dores que motivaram a ação, que nos levaram à busca por pares, até ser reconhecida como coletiva e, então, virar potência e invenção. Fizemos a saúde mental voltar, de forma coletiva e sob a forma das artes.

REFERÊNCIAS

AMARANTE, Paulo. **Loucos pela vida**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1998.

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; HESS, Remi. **O diário de pesquisa**. Brasília: Liber Livro, 2010.

BRASIL. **Lei 10.216**, de 6 de abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental. Presidência da República. Casa Civil. Brasília, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10216.htm

BRASIL. **Lei 11.129**, de 30 de junho de 2005. Institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens – ProJovem; cria o Conselho Nacional da Juventude – CNJ e a Secretaria Nacional de Juventude; altera as Leis nº s 10.683, de 28 de maio de 2003, e 10.429, de 24 de abril de 2002; e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/Lei/L11129.htm

BRASIL. **Lei 13.979**, de 6 de fevereiro de 2020. Dispõe sobre as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus responsável pelo surto de 2019. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-13.979-de-6-de-fevereiro-de-2020-242078735>.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Saúde. **Portaria Interministerial nº 1.077**, de 12 de novembro de 2009. Dispõe sobre a Residência Multiprofissional em Saúde e a Residência em Área Profissional da Saúde, e institui o Programa Nacional de Bolsas para Residências Multiprofissionais e em Área Profissional da Saúde e a Comissão Nacional de Residência Multiprofissional em Saúde. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15462-por-1077-12nov-2009&Itemid=30192

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 510**, 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/22917581

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 3088**, de 23 de dezembro de 2011. Institui a Rede de Atenção Psicossocial para pessoas com sofrimento ou transtorno mental e com necessidades decorrentes do uso de crack, álcool e outras drogas, no âmbito do Sistema Único de Saúde. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2011/prt3088_23_12_2011_rep.html.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. **Portaria nº 356**, de 11 março de 2020. Dispõe sobre a regulamentação e operacionalização do disposto na Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020, que estabelece as medidas para enfrentamento da emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus (Covid-19). Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n>

356-de-11-de-marco-de-2020-247538346.

CECCIM, Ricardo Burg; CARVALHO-DA-SILVA, Maria Cristina; PALOMBINI, Analice de Lima; FAGUNDES, Sandra Maria Sales. Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva: educação pós-graduada em área profissional da saúde realizada em serviço, sob orientação docente-assistencial. *In*: FAJARDO, Ananyr Porto; ROCHA, Cristianne Maria Famer; PASINI, Vera Lúcia (Org.). **Residências em saúde: fazeres & saberes na formação em saúde**. Porto Alegre: Hospital Nossa Senhora da Conceição, p. 127-144, 2010.

DIAS, Rosimere de Oliveira. **Arte que nos move**: oficinas de formação inventiva de professores. Rio de Janeiro: Faperj, 2009. Disponível em: <http://www.infancia-juventude.uerj.br/pdf/rosi/artequenosmove.pdf>.

FAGUNDES, Sandra Maria Sales. **Águas da pedagogia da implicação**: intercessões da educação para políticas públicas de saúde. Porto Alegre: Rede Unida, 2020. (Saúde Mental Coletiva). E-book (36,9Mb; PDF).

FERRUGEM, Daniela. **Guerra às drogas e a manutenção da hierarquia racial**. 120 f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

NOAL, Débora; DAMÁSIO, Fabiana (Coord). **A quarentena na Covid-19**: orientações e estratégias de cuidado. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. (Série Saúde mental e atenção psicossocial na pandemia Covid-19, n. 5).

L'ABBATE, Solange. Análise institucional e intervenção: breve referência à gênese social e história de uma articulação e sua aplicação na saúde coletiva. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 194-219, 2012. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41580>

LARROSA-BONDIA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>.

MERHY, Emerson Elias; FRANCO, Túlio Batista. Trabalho em saúde. *In*: BRASIL, Isabel Pereira; LIMA, Júlio César França. Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EPSJV, p. 427-432, 2008.

NOAL-GAI, Daniele. **Ética do brincar**. 214 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE BRASIL (OPAS/OMS Brasil). **OMS declara emergência de saúde pública de importância internacional por surto de novo coronavírus**. 31 jan. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6100:oms-declara-emergencia-de-saude-publica-de-importancia-internacional-em-relacao-a-novo-coronavirus&Itemid=812#:~:text=30%20de%20janeiro%20de%202020,de%20Import

%C3%A2ncia%20Internacional%20(ESPIL).

PASSOS, Eduardo. Os dispositivos clínico-políticos e as redes no contemporâneo. **EntreLinhas**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 8-9, 2000. Disponível em: <https://app.uff.br/slab/uploads/texto8.pdf>.

POMMER, Carolina Demaman; ROCHA, Cristianne Famer. Nau da Liberdade: travessia nômade entre teatro e saúde mental em desinstitucionalização. **Polis & psique**, Porto Alegre, v. 5, n. 3, p. 45-60, dez. 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2015000200004&lng=pt&nrm=iso

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde. **Cuidado em liberdade no SUS é defendido no evento Saúde Mental no Parque**. 11 nov. 2012. Porto Alegre: SES/RS, 2012a. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/cuidado-em-liberdade-no-sus-e-defendido-no-evento-saude-mental-no-parque>. Acesso em: 08 abr. 2021.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria da Saúde. **Cuidado em liberdade no SUS é defendido em evento na Redenção**. 11 nov. 2012. Porto Alegre: SES/RS, 2012b. Disponível em: <https://saude.rs.gov.br/cuidado-em-liberdade-no-sus-e-defendido-em-evento-na-redencao>. Acesso em: 08 abr. 2021.

SILVA, Rosane Neves da. A dobra deleuziana: o mundo como potência de invenção. *In*: FONSECA, Tânia Mara Galli; ENGELMAN, Selda. **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004, p. 55-75.

ANEXOS

ANEXO A – IMAGENS DOS SARAUS



Passo a passo explicando o acesso ao sarau. Material realizado por Thayná, apoiadora do Loucura Live na parte técnica. Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Paulo Bueno, oficineiro do Geração POA, compartilhando músicas autorais na página Loucura Live. Fonte: Loucura Live, 13 de maio de 2020.



Participação dos trabalhadores do CAPS II Capilé, São Leopoldo/RS: apresentação da oficina de fotografia. Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Pâmela Amaro, atriz, cantora e compositora de Porto Alegre/RS, apresenta suas músicas autorais: “Meu samba é uma oração pra oxum”, “A caixa e o tamborim” e “Minha Verdade (composição por Dona Ivone Lara)”; Valéria Barcellos, cantora e atriz de Porto Alegre/RS, apresenta trecho do livro “Quarto de despejo, de Maria Carolina de Jesus”. Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Dalton Nunes, músico, Manaus/AM, apresenta a música “Azul”, de Djavan” e “Casinha Feliz”, de Gilberto Gil”. Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Nishkala, cantora e trabalhadora da rede de assistência social de Porto Alegre/RS, apresenta a música “Dengo”, de Elba Ramalho. Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Banda Gaudérios dos Pampas, grupo nativista da cidade de São Gabriel/RS, músicas apresentadas: “Batendo água”, de Luiz Marengo, “Canto Alegretense”, de Nico Fagundes e Bagre Fagundes e “Chamamecero”, de Neto Fagundes. Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Solange Gonçalves, artista integrante do grupo de teatro Nau da Liberdade, Porto Alegre/RS, apresenta vídeo com registros de suas artes e apresentações do grupo. Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira Junior, desenhista, oficineiro do Geração POA e integrante da equipe Loucura Live, apresenta técnicas de como desenhar mangá (criação de história em quadrinhos de origem japonesa). Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Felipe Vargas, psicólogo, cantor e compositor, da cidade de Porto, em Portugal, apresenta música de sua autoria: "Dá pra viver". Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Vaudo (violão) e Darcuy (vocal), integrantes do Grupo Tocante – Grupo de música do CAPS AD III – Passo a Passo – GHC, Porto Alegre/RS, música apresentada: Tempo perdido, do Legião Urbana. Fonte: Loucura Live, 19 de maio de 2020.



Residentes integrantes da Equipe Loucura Live: Cris, Rafa, Lauren, Kássia e Duda. Fonte: Loucura Live, Instagram: @laurenrosa. 29 de junho de 2020.



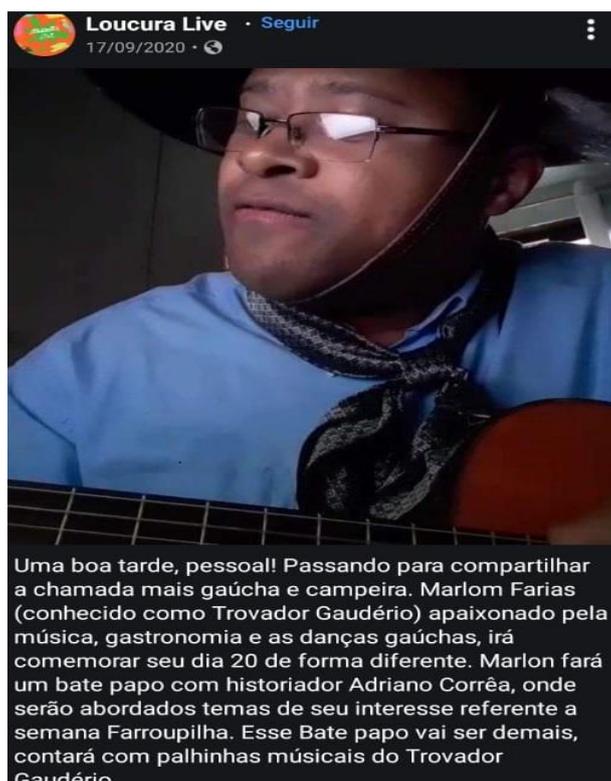
Espaço de ateliê na página Loucura Live, espaço onde são compartilhados desenhos, fotografias e poesias. Esse recorte são ilustrações do desenhista e oficinairo do Geração POA, Paulo Roberto R. O. Junior. Fonte: Loucura Live, 04 de julho de 2020.



Vídeo realizado por residentes integrantes da equipe Loucura Live para chamada do sarau de Festa Julina. Fonte: Loucura Live, 13 de julho de 2020.



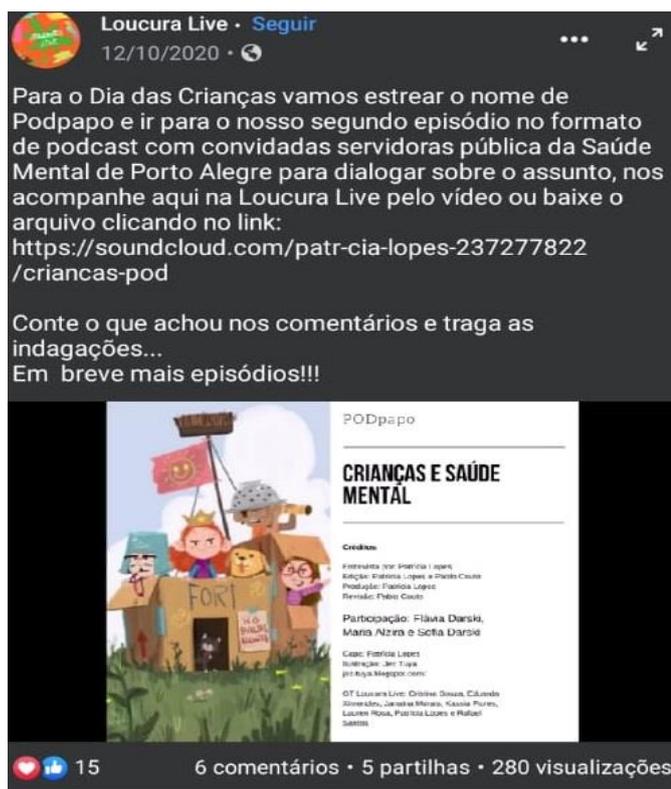
Folder divulgando o projeto UNIdançando, projeto que envolveu encontros entre residentes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade do Vale do Rio dos Sinos, com a proposta de compartilhar experiências da residência em saúde mental. Encontros realizados na página Loucura Live. Fonte: Loucura Live, 14 de agosto de 2020.



Marlon Farias, trovador gaudério, integrante do grupo de teatro Nau da Liberdade, realizando uma chamada para participação de sua *live* na Semana Farroupilha, na página Loucura Live. Fonte: Loucura Live, 17 de setembro de 2020.



Folder de divulgação do evento Parada Gaúcha do Orgulho Louco, 2020. Fonte: Loucura Live, 23 de setembro de 2020.



Podcast realizado por residentes e trabalhadoras da RAPS-POA, sobre o cuidado em saúde mental com crianças e adolescentes - PODpapo – Crianças e Saúde Mental. Fonte: Loucura Live, 12 de outubro de 2020.

ANEXO B – CARTA

O que é Loucura Live pra ti?

Para mim, foi um momento de conexão, amizade e saúde, sabe! Saúde porque se sentir pertencente e querida, mesmo num espaço virtual é um cuidado. Eu amei! (Karine).

Pra mim, o Loucura Live é um evento bem importante, é um evento de debates e ideias. (Paulo Junior).

“... um monte de gente, um mar de foguitos, não existem dois fogos iguais. Cada pessoa brilha com luz própria, entre todas as outras, existem fogos grandes e fogos pequenos, e fogos de todas as cores; existe gente de fogo sereno, que nem fica sabendo do vento e existe gente de fogo louco que enche o ar de faíscas; alguns fogos são bobos, não iluminam nem queimam, mas outros... outros ardem a vida com tanta vontade que não se pode olhá-los sem pestanejar e quem se aproxima se incendeia...” Eduardo Galeano (Poesia escolhida por Moisés)

Oiê. Na realidade, nós loucos, apesar da pandemia, continuamos nossa loucura cultural, só que on-line. Uma grande janela para o mundo... O Loucura Live é a nossa janela, nosso palco. (Darcy)

Vou de Leminski entaum: vida e morte, amor e dúvida, dor e sorte, quem for louco, que volte. (Rafa 16)

Loucura Live é encontros. Trocas entre e com pessoas, compartilhamento de vidas e histórias movimentando afetos. É sensação de pertencer a algo que nos faz querer continuar trilhando belos caminhos. É coletivo, é estar-com. É perceber que, apesar de tempos não tão fáceis, ainda há quem sonha, quem canta, quem sorri. Sonhar faz p(arte)! E a Loucura Live nos recorda disso a cada reencontro. (Cris)

Uma forte experiência que ajuda a nos libertar dos preconceitos. Que auxilia a enxergar o ser humano e não um clichê social. Uma atividade que oportuniza entender a capacidade especial de cada um. (Adriano)

Eu respondo com muito prazer, a Loucura Live para mim é pra fazer apresentação virtual, tudo pra mim é fazer apresentação para o Brasil inteiro, não só para o Brasil, mas para o mundo inteiro, para o México, pra mim a Loucura Live é muito divertido. É muito animado e muito talentoso, assim é fazer palco virtual. É para fazer pra plateia virtual. Mostrar o que é talento para as pessoas. Loucura Live não é só cantoria, é poesia, é trovas, também contar piadas. E apresentações de desenhos. Tudo pra mim é muito espetacular, muito divertido. Pra completar, a Loucura Live, para mim, eu gosto de cantar, de declamar poesias, cantar umas músicas nativistas, gaudérias. Também entrevistar, assim como eu fiz entrevistando o professor Adriano. Mas também. É muito Talentoso. (Marlon – Trovador Gaudério).

Uma página que é resistência, uma página que acolhe cada um sem preconceito e faz com que possamos aprender a cada dia um pouco mais. A Loucura Live me faz indiretamente estudar mais, fez com que eu tivesse interesse e atenção à sua causa. (Lauren)